

Apoiar Taiwan ou abrir uma crise internacional?

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 4 de Agosto de 2022

1. Se, ao visitar Taiwan, a ideia de Nancy Pelosi era evitar que o Verão, em especial o mês de Agosto, se transformasse na habitual *silly season*, atingiu plenamente o seu objectivo. Ao contrário das histórias triviais e de interesse duvidoso que habitualmente preenchem a imprensa nesta altura, a sua passagem por Taiwan já abriu uma crise internacional envolvendo as duas maiores potências mundiais — China e EUA. Não se pode dizer, por isso, que este início do mês de Agosto seja apenas um período para trivialidades ligadas a estrelas do *show business*, viagens turísticas, diversões de praia ou de montanha e recomendações gastronómicas, com mais ou menos interesse.

Nem para multiplicar questionários de Proust feitos a figuras públicas e outras que o gostariam de ser, as quais competem para mostrar a qualidade do seu bom gosto e erudição ao comum dos mortais, também nos momentos de lazer. Todavia, para evitarmos o torpor da *silly season* não precisávamos da viagem de Nancy Pelosi a Taiwan. Neste Verão, a nível internacional, os assuntos geopolíticos sérios continuam ininterruptos, basta olhar para a guerra na Ucrânia que prossegue tão mortífera e trágica como desde o seu início, a 24 de Fevereiro de 2022.

2. Para o leitor mais afastado das questões política internacional, e, nesta altura, de férias, imerso em leituras descontraídas e em diversões, olhar para as notícias à volta da ida de Nancy Pelosi a Taiwan — e, sobretudo, para a agressiva reacção chinesa, nas palavras e nas manobras militares à volta da ilha —, gera uma sensação, particularmente shakespeariana, de se estar perante um caso de “muito barulho por nada”. Alguns pensarão mesmo que talvez tudo não passe de mais um deliberado exagero mediático para ter mais audiências.

Afinal, qual o problema da visita da Presidente da Câmara dos Representantes dos EUA (uma das câmaras do parlamento norte-americano) a Taiwan? Não é Taiwan livre de receber quem quiser no seu território? Quanto aos EUA, se são aliados de Taiwan e apoiam a ilha na sua vontade de seguir o rumo político que entender, é natural que existam figuras políticas a deslocar-se a esse território. Assim, a reacção da China parece não só muito exagerada como totalmente desproporcional. É também inadmissível que esteja a ameaçar militarmente Taiwan com os exercícios militares de fogo real junto à costa, a toda a volta da ilha (na prática, uma espécie de bloqueio naval). É mais um caso de *bullying* feito por um ditador (Xi Jinping) sobre uma democracia (Taiwan), que lembra a intimidação que Vladimir Putin fez à Ucrânia, antes de a Rússia a invadir.

3. Todavia, a questão de Taiwan tem uma longa e complexa história que data da revolução comunista na China (e não se pode ignorar que o assunto é crítico na geopolítica mundial). Essa revolução levou Mao Tsetung (ou Mao Zedong) ao poder em 1949 e fez com que o anterior governo de Chiang Kai-shek e do partido Kuomintang fugissem para Taiwan, a ilha Formosa. Aí foi instalado um poder paralelo que reclamava

ser o único governo legítimo de toda a China, inicialmente com o reconhecimento *de jure* dos EUA, da generalidade do Ocidente e vários outros Estados.

Mais tarde, a partir dos anos 1970, ocorreu uma alteração drástica ligada à *real politik* da Guerra Fria. Com Nixon e Kissinger os EUA procuraram dividir o bloco comunista, separando, o mais possível, a China da União Soviética (o que fizeram com algum sucesso). Os EUA passaram então a reconhecer a República Popular da China — o Estado fundado por Mao Tsetung — retirando o reconhecimento internacional a Taiwan (que, oficialmente, se auto-designa como República da China). A partir daí, a questão começou a ganhar os contornos de ambiguidade diplomático-político-estratégica que tem hoje (e o reconhecimento internacional como Estado soberano veio sempre a diminuir, sendo hoje claramente residual). Assim, os EUA (e generalidade do Ocidente) reconhecem uma única China, mas, ao mesmo tempo, os norte-americanos comprometem-se com a segurança de Taiwan e opõem-se também a que a ilha seja integrada na China contra a vontade da sua população.

4. No Ocidente euro-atlântico o indivíduo comum tende a olhar para a questão de Taiwan como um conflito exótico e confuso que se passa num Oriente distante. (Na realidade, num mundo globalizado, não é assim tão distante e tem enormes repercussões nas cadeias de abastecimento globais da indústria electrónica e dos semicondutores). Em qualquer caso, essa não é, certamente, a percepção chinesa, nem também a realidade geopolítica num mundo onde (quase tudo) está cada vez mais próximo. Para a China, o caso tem uma enorme carga histórica, simbólica, emocional e um grande pendor nacionalista.

A questão de Taiwan não só é aí muito bem conhecida como o próprio Governo chinês se encarrega que a sua população, pela via do sistema educativo e da propaganda, a mantenha bem viva no espírito. Obviamente que o faz à sua maneira, ou, seja, qualificando Taiwan como uma província chinesa rebelde que, mais tarde ou mais cedo, terá de voltar ao Estado chinês. Nessa visão chinesa, qualquer apoio externo a Taiwan é visto como uma inadmissível interferência, ou tentativa de interferência, nos assuntos internos chineses. Não é por acaso, mas para evitar conflitos com a China, que a maior parte dos Estados e organizações internacionais colocam Taiwan na categoria difusa e anódina de “território”.

5. Nancy Pelosi não é uma “turista acidental” que, por acaso, aterrou em Taipé, desencadeando, de forma ingénua, uma tempestade (geopolítica) no mar do Sul da China à volta da ilha Formosa. Com 82 anos e uma longuíssima carreira política no Partido Democrata (e também no Congresso) é uma política com enorme experiência e grande conhecimento das questões internas do país, mas também internacionais. A sua viagem foi um acto político calculado (resta saber se bem calculado), oficialmente para apoiar politicamente Taiwan, em contraste com as duras críticas feitas ao governo da China, especialmente em matéria de direitos humanos.

Tudo isso tem os seus méritos, pois, sem dúvida, a China é autoritária e violadora dos direitos humanos, mas há também a questão das consequências políticas. Pelosi não

desconhecia, certamente, a extraordinária sensibilidade do assunto para China. Mas para uma política em fim de carreira o *timing* foi o ideal. Pela idade e aproximação das eleições em Novembro onde o seu Partido Democrata poderá perder a maior na Câmara dos Representantes (e ela a sua presidência), a altura era esta.

Todavia, quanto a ser a melhor altura de os EUA mostrarem firmeza e apoio a Taiwan, a questão é mais duvidosa. Na prática, fez uma diplomacia paralela à do seu próprio Governo, o que é bizarro tendo em conta que o Presidente Joe Biden é do seu partido e discordava dessa visita (colocou-o, perante a opinião pública, na posição de um governante fraco e com falta de autoridade). Não são também evidentes os ganhos de Taiwan quando, no fundamental, a situação se mantinha a mesma há muito tempo e agora está a sofrer, na prática, diversas represálias e um ensaio de bloqueio naval. Nem se percebe qual a vantagem dos EUA abrirem — ou darem um pretexto para a China abrir — uma crise internacional ligada a Taiwan, em paralelo à guerra da Ucrânia e ao conflito com a Rússia. São coisas que talvez só uma política em modo de *silly season* possa explicar.

<https://www.publico.pt/2022/08/04/mundo/analise/apoiar-taiwan-abrir-crise-internacional-2016186>